



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

APLICAÇÕES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO JORNALISMO INTERNACIONAL

[Applications of artificial intelligence in international journalism]

Projeto de Graduação

[Ciências da Comunicação, 1º Ciclo]

Maria Luís Nunes Monteiro

Orientador:

Professor Doutor: Renato Essenfelder

Junho, 2025

APLICAÇÕES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO JORNALISMO
INTERNACIONAL

[Applications of artificial intelligence in international journalism]

Projeto de Graduação

[Ciências da Comunicação, 1ºCiclo]

Maria Luís Nunes Monteiro

Orientador:

Professor Doutor : Renato Essenfelder

Junho, 2025

© 2025

Maria Luís Nunes Monteiro

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Maria Luís Nunes Monteiro

APLICAÇÕES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO JORNALISMO
INTERNACIONAL

Projeto de Graduação apresentado à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção do grau de
Licenciada em Ciências da Comunicação, sob orientação
do Prof. Doutor Renato Essenfelder.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao professor Doutor Renato Essenfelder por se ter disponibilizado para orientar o meu Projeto de Graduação, desde o primeiro dia que foi contactado, revelando disponibilidade e compromisso. O seu papel foi fundamental ao longo do desenvolvimento, quer pelo incentivo à escolha da minha temática, quer pelo rigor e clareza com que orientou cada fase da investigação. Cada feedback recebido foi sempre relevante e construtivo, contribuindo para o aperfeiçoamento deste projeto.

Agradeço, também, a todos os docentes que marcaram o meu percurso académico, assim como aos meus colegas que contribuíram para o enriquecimento desta jornada. Com eles, tive a possibilidade de partilhar conhecimentos, experiências e ideias que alargaram o meu leque de conhecimentos e permitiram que enriquecesse tanto o meu crescimento académico, como o pessoal.

Agradeço não só às minhas amigas desta universidade, Maria Leonor Melo e Lara Costa Figueiredo, pelo apoio incondicional, como também aos meus amigos de fora desta universidade que sempre apoiaram de perto o meu percurso e acreditaram na minha dedicação nesta área.

Por fim, agradeço aos meus familiares, pelo suporte incondicional ao longo destes 3 anos. Aos meus pais, Miguel Monteiro e Ana Nunes, e à minha irmã, Ana Monteiro, expresso a minha mais sincera gratidão por todo o amor, paciência e coragem que me transmitiram, pois sem eles esta licenciatura não teria sido possível.

Resumo

Este projeto de graduação apresenta uma análise sobre como é que a Inteligência Artificial (IA) tem vindo a transformar o jornalismo internacional, focando-se num caso de estudo real do jornal *The New York Times*. Esta investigação analisa a forma de como é que a IA é usada no trabalho jornalístico, quais as ferramentas utilizadas e as influências éticas, profissionais e sociais que esta nova tecnologia pode trazer. O projeto é composto por uma contextualização histórica da IA e a discussão de riscos associados. Seguidamente, são analisadas as oportunidades que a inteligência artificial trouxe, tais como: a automação de tarefas e a personalização de conteúdos. Numa parte final, é analisado um estudo de caso do *New York Times* que descreve como é que a IA é usada para ajudar os jornalistas no seu trabalho diário.

Palavras-chave: Inteligência artificial; jornalismo internacional; *The New York Times*; ética; privacidade; automação;

Abstract

This graduation project analyses how Artificial Intelligence (AI) has been transforming international journalism, focusing on a real case study from The New York Times. This research analyses how AI is used in journalistic work, which tools are used and the ethical, professional and social influences that this new technology can bring. The project consists of a historical contextualisation of AI and a discussion of the associated risks. It then looks at the opportunities that artificial intelligence has brought, such as the automation of tasks and the personalisation of content. Finally, a case study from the New York Times is analysed, describing how AI is used to help journalists in their daily work.

Keywords: Artificial intelligence; international journalism; The New York Times; ethics; privacy; automation;

Índice Geral

Capítulo I – Introdução	1
Capítulo II – Referencial Teórico	3
2.1 Breve história da inteligência artificial	3
2.2 Ética e riscos associados	6
2.3 Ameaças e oportunidades	8
Capítulo III – Caso de Estudo	11
3.1 Metodologia	11
3.2 Como o NYT usa a IA	12
3.3 Impactos do uso da IA no jornal NYT	13
3.4 Desafios enfrentados pelo uso de IA no NYT	15
Conclusão	17
Referências bibliográficas	19

Capítulo I – Introdução

Nos últimos anos, a inteligência artificial tem vindo a desenvolver-se e a adaptar-se ao dia-a-dia das pessoas, quer seja no mundo do lazer ou no trabalho. No campo do jornalismo, esta nova tecnologia está cada vez mais presente nas redações jornalísticas, onde altera os modos de fazer do jornalismo tradicional, portanto é necessário pensar em mudanças profissionais, técnicas e ligadas à ética.

Parte do interesse pelo tema vem de um percurso pessoal. Ao longo da minha licenciatura em Ciências da Comunicação na Universidade Fernando Pessoa, tive a possibilidade de estudar os princípios ligados à comunicação e de conhecer e me interessar cada vez mais pelos efeitos dos avanços tecnológicos. Nesse sentido, este projeto tem como intuito refletir sobre a ligação entre Inteligência artificial e o jornalismo, através de um caso de estudo verídico que ilustra esta transformação.

A escolha deste tema teve origem numa tentativa de entender as mudanças ocorridas na área jornalística pelas novas tecnologias. Dessa forma, o objetivo do estudo é analisar as aplicações de Inteligência Artificial usadas no jornalismo internacional, tendo como referência principal o prestigioso *New York Times*. O objetivo é perceber como é que a Inteligência Artificial está presente no campo jornalístico atual e quais podem ser as consequências éticas, profissionais e sociais associadas a essa utilização.

Para abordar em profundidade o problema proposto, foram estabelecidos os seguintes objetivos secundários:

1. Analisar como a IA é utilizada na redação do jornal *The New York Times*, referindo as tecnologias introduzidas e em que partes do trabalho estão patentes.
2. Investigar os riscos éticos da IA no jornalismo, dando relevância a alguns conceitos, tais como: o viés algorítmico, que por sua vez pode comprometer a neutralidade das notícias, e a invasão de privacidade dos leitores.
3. Avaliar as oportunidades e dificuldades da inteligência artificial no jornalismo contemporâneo. De forma detalhada, serão abordadas várias possíveis vantagens, tais como: a automação de tarefas e a melhor distribuição de notícias. Quanto aos riscos, serão interpeladas a substituição de profissionais, a desinformação e o desaparecimento do controle editorial.

Para responder a isso, este projeto divide-se em 3 capítulos.

Primeiramente, é feita uma contextualização da inteligência artificial nos dias de hoje. Numa segunda instância, serão abordadas as diferentes origens da Inteligência artificial, apoiadas em diferentes autores, tais como: Warren McCulloch, Walter Pitts e Alan Turing; as definições e as diferentes visões da IA aos olhos de dois autores e ainda, as perspectivas teóricas de Pei Wang definidas como “Turing-Test”; “Structure-AI”; “*Capability-AI*”; “*Function-AI*” e “*Principle-AI*”. Para além disso, no segundo capítulo, serão apresentadas as implicações ético-sociais e riscos relacionados com a sua utilização, como a discriminação algorítmica, a desinformação, os desafios à privacidade e a veracidade jornalística. Ainda, neste capítulo são exploradas as ameaças e as oportunidades que traz a IA, a partir da responsabilidade que tem a imprensa e das ferramentas utilizadas no jornalismo.

Por fim, no capítulo IV este projeto de graduação procederá à metodologia e investigação de um estudo de caso relativo ao sistema ao uso da Inteligência Artificial aplicada no trabalho dos jornalistas, onde serão abordados os seus impactos e desafios associados.

Capítulo II - Referencial Teórico

2.1 Breve história da Inteligência artificial

John McCarthy poderá ser apontado como um dos pioneiros da inteligência artificial, pelo facto de ter referido a designação pela primeira vez em 1956. No entanto, essa criação não se limita a uma pessoa, pois Warren McCulloch, Walter Pitts e Alan Turing foram também figuras relevantes para o desenvolvimento desta tecnologia (Tecnoblog, 2024). De acordo com Russell e Norvig (2020), em “*Artificial intelligence: A modern approach*“, McCarthy oficializou a área da IA, porém as primeiras ações foram realizadas a partir dos trabalhos realizados por Alan Turing, que determinou vários princípios teóricos da inteligência computacional. Quanto a McCulloch e Pitts, propuseram o primeiro modelo matemático de redes neurais.

A inteligência artificial é entendida como o conjunto de tecnologias e sistemas que tornam mais fácil o processo, a obtenção e a distribuição de dados. Simultaneamente, possibilitam que as máquinas realizem tarefas humanas, como o raciocínio, a aprendizagem, o planeamento e a criatividade. Os sistemas utilizados permitem que as máquinas se tornem mais inteligentes e competentes para realizar papéis idênticos aos humanos, ou seja, o objetivo é desenvolver sistemas que realizam tarefas complexas de forma precisa e eficiente. (Wikipédia, 2025). Nilsson (1998), salienta que a Inteligência artificial abrange a representação das atitudes humanas e a produção de sistemas autónomos que agem nos meios mais difíceis. Renato Essenfelder (2024), no seu artigo “Boas Notícias, más opiniões: a cobertura de imprensa sobre o ChatGPT em Portugal”, descreve a Inteligência artificial como um “guarda-chuva” que alberga um conjunto de tecnologias que se foi difundindo ao longo dos anos.

Todavia, no livro “*On Defining Artificial Intelligence*” da autoria de Pei Wang, é referido pelo autor que a IA não tem uma definição própria que seja aceite, por isso, através da sua leitura e estudo do livro é possível identificar diferentes perspetivas acerca deste conceito, que são reproduzidas ao longo da história. A abordagem relativa ao teste de turing (Wang, 2019, p.9), sugere que um sistema computacional teria a capacidade de expor comportamentos verbais que não fossem distinguíveis aos do humano. No entanto, este teste foi bastante criticado por vários investigadores em “*Turing test: 50 years later*.”

Minds and Machines”(2000), na medida em que o Teste Turing só apreciava a língua. Mesmo assim, este mesmo teste alude para menções culturais da inteligência.

Já a análise sobre a structure-AI (Wang, 2019, p.8), exige que o sistema de IA sofresse alterações de estrutura isomórficas às do cérebro logo que recebesse entradas idênticas, com o objetivo de gerar saídas semelhantes. Porém, esta abordagem foi criticada por Searle (1980), por ser antropocêntrica, confessando que a inteligência dos humanos é o modelo imposto para determinar qualquer tipo de inteligência. Contrariamente, a investigação sobre a “Capability-AI”, considera que a inteligência de um sistema era sugerida através da capacidade em resolver problemas (Wang, 2019, p.9). Para esta abordagem, Minsky, definiu inteligência como “a capacidade de resolver problemas difíceis” (Minsky, 1985, como citado em Wang, 2019, p. 7), destacando a utilização de IA em tarefas reais.

A perspectiva relativa à “Function-AI” relaciona a Inteligência artificial com os papéis cognitivos reconhecidos do pensamento nos humanos, no que diz respeito à comunicação, pesquisa, aprendizagem e raciocínio (Wang, 2019, p.11). Já a “Principle-AI” tenta definir a IA a partir do reconhecimento de princípios gerais que gerem o comportamento inteligente, concentrando-se na ligação entre a experiência e o comportamento (Wang, 2019, p.11). Desta forma, definir IA é algo difícil, na medida em que são apresentadas várias análises ao longo da sua história, para além de que, Russell e Norvig (2020) consideram a inteligência artificial uma área que se está a desenvolver.

Nesse sentido, foi elaborada uma tabela para ajudar a compreender alguns conceitos-chave e etapas de desenvolvimento da tecnologia.

Tabela 1 - Resumo dos conceitos associados à IA

Conceito	Descrição	Autor/Fonte
Origem do termo “IA”	Primeira utilização da expressão “Inteligência Artificial”	John McCarthy (1956)
Primeiro modelo de redes neurais	Modelo matemático que simula o funcionamento do cérebro	McCulloch & Pitts
Princípios teóricos da IA	Fundamentos da inteligência computacional	Alan Turing
Objetivo geral da IA	Tornar máquinas capazes de realizar tarefas humanas complexas	Wikipédia (2025)/ Nilsson(1998)
IA como “guarda-chuva”	Conjunto de tecnologias com diferentes aplicações e abordagens	Renato Essenfelder (2024)
Teste Turing	Avalia se um sistema apresenta comportamento verbal indistinguível do humano	Alan Turing/Wang (2019, p.9)
Críticas ao Teste de Turing	Limita-se à linguagem, não avalia outros aspetos da inteligência	Minds and Machines (2000)
Structure-AI	IA como estrutura isomórfica ao cérebro humano	Wang (2019, p.8)/ Crítica de Searle (1980)

<i>Capability-AI</i>	Ia definida pela capacidade de resolver problemas	Wang (2019, p.9)/ Minsky (1985)
<i>Function-AI</i>	Foca-se em papéis cognitivos como aprendizagem, raciocínio e comunicação	Wang (2019, p.11)
<i>Principle-AI</i>	Baseia-se em princípios gerais que regem o comportamento inteligente	Wang (2019, p.11)
Definição de IA	Área em constante desenvolvimento e sem uma definição universalmente aceite.	Wang (2019), Russel & Norving (2020)

2.2 Ética e riscos associados

Num enquadramento geral, a inteligência artificial poderá dar origem a decisões que sejam adulteradas por dados ligados à etnia, sexo ou idade. Sendo assim, esta realidade pode por em causa alguns dos direitos fundamentais, como a privacidade e a proteção de dados. Tal como indica Crawford, em “*Atlas of AI*” (2021), os algoritmos conseguem copiar as injustiças sociais sob a forma discriminatória.

Uma das preocupações mais recorrentes, são os “*deepfakes*”, falsificações profundas, claras e rapidamente identificadas e, como tal, estão estas presentes em conteúdos de áudio, vídeos produzidos ou manipulados de forma artificial (Parlamento Europeu, 2020).

Também, o princípio de “superinteligência” é bastante abordado paralelamente com a referenciação a vários autores, segundo o livro “*Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies*”, de Nick Bostrom (2014). Good em 1965 definiu “superinteligência como

“explosão de inteligência”, isto é, a “superinteligência” é caracterizada como sendo um intelecto que é mais inteligente do que a própria inteligência do humano. Nesta mesma referência bibliográfica, o autor Nick Bostrom aborda os riscos da IA e dá valor em alinhar valores e controlar a tecnologia, uma vez que são prioridades importantes (Bostrom, 2014). Contrariamente, Benthall (2017) defende que o risco é algo exagerado e que deveria existir empenho nas políticas de privacidade.

Ainda, as bolhas de informação são entendidas como cenários nos quais os indivíduos são apresentados a assuntos e as crenças definidas. As bolhas de informação são criadas a partir de algoritmos que são um conjunto de equações matemáticas, que filtram os conteúdos de acordo com os nossos gostos ou interesses, o que significa que a informação é personalizada para cada um de nós. Neste caso, as pessoas ficam com pensamentos distorcidos relativamente à realidade vivida, uma vez que nos mostra aquilo que gostamos, não é mostrado o conteúdo que devíamos ver. Visto isto, as bolhas dão origem à criação de desinformação, ao consumo de notícias falsas, à formação de uma realidade distorcida e à não aceitação de outros pontos de vista para além do seu.

No que diz respeito à verificação de dados, é necessário o combate às *fake news* que é considerado um dos grandes pesadelos, por exemplo, leva as pessoas a votar num determinado partido, visto que apenas foi desinformado e a função do jornalismo é verificar os factos. Através do algoritmo é possível identificar exemplos em grande escala. De igual modo, as ferramentas de análise e a visualização de dados permitem que os jornalistas peçam resumos e gráficos, como em notícias sobre finanças e desporto (Carlson, 2015).

Conforme o artigo “*Inteligência artificial: oportunidades e desafios*” do Parlamento Europeu (2020), todos os resultados realizados por esta nova ferramenta, resultam da sua forma de criação e do tipo de dados que utiliza, não só a sua origem, como também os dados que utiliza arriscam-se a ter erros. Neste sentido, vários problemas associados a este fenómeno poderão ser listados, nomeadamente, “*mathwashing*” que são dados aplicados como reais, “falhas de programação”, “viés algorítmico”, “simplificação excessiva da realidade”. Floridi (2018) menciona que essas ocorrências debilitam a honestidade da IA, principalmente nas decisões críticas, podendo até criar bolhas de informação, dividindo o jornalismo, desafiando até mesmo o diálogo democrático (Pariser, 2011).

Numa perspetiva social, o Parlamento Europeu (2020) evidenciou que embora 61% dos europeus tenham uma opinião positiva sobre a inteligência artificial, 88% consideram que estas tecnologias exigem uma gestão com cautela, ou seja, há uma pequena parte da população europeia que acredita que a IA trouxe mudanças qualificadas para as suas vidas e 88% que revela que a Inteligência Artificial tem de ser manuseada de forma moderada. Pew Research (2018), tinha também estabelecido esta divergência.

Atualmente, o jornalismo defronta-se com a dificuldade em apurar todos os factos de forma rigorosa, não obstante as “*deepfakes*” que convertem este tipo de tarefa mais complicada (Leahy, 2024). Em “*To Stop AI Killing Us All, First Regulate Deepfakes*”, Connor Leahy é a favor de sugerir um regulamento e uma responsabilidade legal para todos os autores de “*deepfakes*”.

2.3 Ameaças e oportunidades

“O crescimento da IA pode ser a pior ou melhor coisa que já aconteceu para a humanidade” (Hawking, 2017).

Neste sentido, de acordo com o artigo “Boas notícias, más opiniões: a cobertura de imprensa sobre o ChatGPT em Portugal” (2024), de Renato Essenfelder, a “mídia deve exercer papel crucial na qualificação do debate sobre as tecnologias de IA”, já que a “necessidade, amplamente aceita pela comunidade científica e até mesmo pela indústria de tecnologia”, é a “de criar regras para a utilização desses sistemas, diante de seus potenciais riscos”, conforme é feita a referência a Metz e Schmidt.

Por um lado, a maior parte dos artigos de Inteligência artificial eram muito superficiais, pois apenas 71% dos 123 analisados expunham só uma ou nenhuma fonte citada, segundo Canavilhas e Essenfelder (2024). Sendo assim, este fenómeno revela que muitos meios apenas reproduzem comunicados que sejam de empresas e sem qualquer análise crítica. A falta de conhecimento relativa à IA pode fazer com que os jornalistas abordem o tema de maneira superficial ou com medo, o que pode levar a que o público se confunda. Devido a isto, é fundamental que sejam bem informados, de modo a que os conteúdos

sejam claros e corretos. “A IA é amplamente considerada como uma das forças mais disruptivas do século XXI e as suas implicações socioeconómicas são tão vastas quanto profundas”, tal como referido por Sigfrids neste artigo.

Por outro lado, o livro da autoria de Jaakkola: *"Reporting on Artificial Intelligence: A Handbook for Journalism Educators"* (2023), relata as oportunidades da Inteligência Artificial (IA). Defende que ao utilizar a Inteligência Artificial no jornalismo permite que haja auxílio nas tarefas dos jornalistas, de modo a converter o trabalho deles mais eficiente, eficaz e envolvente, no entanto isto não vai “salvar” o jornalismo ou modificá-lo totalmente. Neste mesmo livro, Jenny Wiik refere a IA como sendo um “nome coletivo para uma variedade de algoritmos, robôs e sistemas orientados a dados”, o que pode “substituir o trabalho humano”, de forma a que os indivíduos se possam dedicar a tarefas mais importantes.

Para além disso, no livro de Jaakkola (2023), destaca também uma outra oportunidade vinda da inteligência artificial, considera que a IA tem a possibilidade de ser implementada em todas as etapas da redação jornalística, uma vez que é possível uma pesquisa de dados ou até mesmo uma criação automática de notícias. Conforme, Jenny Wiik e a Knight Foundation, o foco principal é “aumentar a capacidade de reportagem” (48%), e depois a “redução de custos variáveis” (27%).

Ainda, neste livro, são destacadas algumas das ferramentas de IA que são hoje utilizadas, como por exemplo, a *“Reuters News Tracer”* que busca automaticamente por notícias que sejam de última hora nas redes sociais e a *“BBC’s Juicer”* que consiste na recolha dos conteúdos jornalísticos que selecionam os elementos mais importantes, marcando os conceitos-chave, de modo a permitir que haja uma “análise de tendências”, o que por sua vez transforma os procedimentos de produção muito mais eficazes no trabalho. Para além destas, são inúmeras as ferramentas que podem ser utilizadas hoje em dia para a produção de notícias, o ChatGpt, no qual pedimos para sumariar relatórios de 400 páginas, em que rapidamente é gerado um texto; o *Write for me* que permite adaptar a escrita a diferentes tipologias e a sua terminologia ou o *Wordsmith* que é usado para quando estamos a analisar um texto, pois do ponto desportivo é mais favorável, uma vez que faz o balanceamento de padrões no texto.

Fazendo um balanço entre as ameaças e as oportunidades que a IA trouxe para o jornalismo, é importante referir que: Em 2017, 0.15% dos artigos ligados a notícias tinham presentes tecnologias inteligentes (Essenfelder, 2024, p.3). Em 2019, o público e os media começaram a ter um maior interesse pela IA, refletindo-se um aumento para 0.5% na percentagem (Essenfelder, 2024, p.3). Em 2022, ano que ficou registado a maior referência da IA, segundo um estudo realizado pela Universidade de Stanford. Deu-se o Boom da IA Generativa, devido a vários sistemas, tais como: a DALL-E, Stable Diffusion, Midjourney e ChatGpt que provocaram um grande entusiasmo por causa da possibilidade em criar imagens e textos (Essenfelder, 2024, pp.3 e 4). Já no final de 2022 (Essenfelder, 2024, p.1), o ChatGpt foi difundido não só pela imprensa portuguesa, como também a internacional.

Contudo, a implementação da IA nos media já tinha sido prevista por Nicholas Negroponte, no livro “*Being Digital*” (1995), no qual defendia que as ferramentas digitais eram capazes de se moldarem ao perfil de cada pessoa. Atualmente, é o que está a acontecer com a Inteligência Artificial, através da automação e dos algoritmos que vão seleccionar os conteúdos. Tanto as ameaças, como também as oportunidades desta nova tecnologia já tinham sido antecipadas.

Capítulo. III- Estudo de caso

3.1 Metodologia

De modo a ilustrar os objetivos deste projeto, procedeu-se à investigação de um caso de estudo que representasse a aplicação da inteligência artificial no jornalismo. Depois de toda a pesquisa, foi escolhido o caso “*AI Case Study: Content Generation at The New York Times*”, que explora a forma de como é que este jornal inclui as tecnologias de Inteligência Artificial nos trabalhos jornalísticos.

A sua escolha foi baseada em diversos critérios. Primeiramente, trata-se de um jornal internacional bastante credível e conhecido a nível mundial, com vários anos de existência, e em simultâneo, diferenciado, devido à sua competência em se adaptar às novas realidades tecnológicas e digitais.

Além disso, houve uma motivação de ordem pessoal que influenciou esta decisão, uma vez que, em abril deste ano, a autora teve a oportunidade de visitar as instalações do *New York Times*, nos Estados Unidos da América. Essa experiência proporcionou-lhe uma familiaridade com a história e estrutura do jornal, o que facilitou a compreensão da forma como a instituição responde à transição digital.

Ao longo da investigação, tentei levantar casos práticos nos meios de comunicação portugueses, como jornais e canais televisivos, nomeadamente a RTP, mas sem sucesso. A falta de dados acessíveis, claros e documentados sobre IA no jornalismo nacional acabou por levar ao foco sobre a análise de um caso internacional.

Deste modo, este exemplo prático tem como propósito exemplificar um exemplo específico da aplicação da IA nas redações e fornecer uma base clara de modo a pensar nas vantagens, problemas e limitações do uso da IA no jornalismo.

3.2 Como o NYT usa a IA

O jornal The New York Times é um jornal conhecido internacionalmente pela sua credibilidade e por possuir uma das redações mais poderosas do mundo, com sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, fundado em 1851. Além disso, tem um impacto relevante em termos mundiais, uma vez que faz a cobertura de temas geopolíticos, económicos e ambientais internacionais. *“The Times has long deployed journalists to every corner of the world to witness history unfold, sometimes at personal risk.”*, refere a apresentação do jornal no seu site.

O jornal tem mais de 100 anos e ao longo do tempo tem se vindo adaptar às novas tecnologias, utilizando hoje a inteligência artificial para gerar conteúdo, tal como é descrito no caso de estudo: *“CONTENT GENERATION AT THE NEW YORK TIMES”* (2025) realizado por Fredrik Filipsson.

No NYT, a Inteligência Artificial é utilizada, segundo o caso de estudo referido anteriormente, na redação de artigos noticiosos e na promoção de conteúdos personalizados para públicos. O caso de estudo em questão afere e estuda os diferentes pontos de notícias que mais se destacam; recorre ao tratamento de linguagem natural, com o intuito de criar resumos pequenos e ajudar os jornalistas a escreverem os seus artigos e propõe abordagens de assuntos baseados nas escolhas do leitor. Para esta explicação, o caso de estudo em questão apresenta o exemplo de sinopses de notícias repentinas produzidas por IA, pois admitem que as equipas editoras divulguem as atualizações rapidamente, certificando-se que os leitores adquiram informações pertinentes. Em conformidade com o caso, estas notícias redigidas por IA é algo vantajoso, já que se ajusta aos assuntos daquilo que o leitor pretende através do uso da Inteligência Artificial, que reforça os assuntos personalizados, ou seja, individualizados, através da promoção de SEO, da realização de um brainstorming de perguntas e ideias, e a partir de questões sobre os próprios documentos dos repórteres (Semafor, 2025), com vista em colocar os leitores subscritos durante mais tempo do que o normal. Para além disso, as notícias passaram a ser publicadas muito mais rápido.

Por conseguinte, nas diretrizes editoriais do próprio jornal é expressa a ideia de que a IA não é vista como “uma solução mágica”, mas sim como “uma ferramenta poderosa” que está ao serviço da missão jornalística. (Semafor, 2025).

O estudo específico do New York Times, publicado em fevereiro de 2025, mostra dados que refletem a inclusão da IA para conceber conteúdo. A partir dessa análise, é possível verificar que quanto ao envolvimento do leitor, houve “um aumento de 40% nos cliques personalizados de artigos” e os que o “tempo de publicação de conteúdo foram 25% mais rápidos.” (Redress Compliance, 2025)

3.3 Impactos do uso da IA no jornal NYT

Estes indicadores demonstram uma alteração no modelo de negócio do jornal, assim como demonstram os gráficos da *figura.2* e *figura.3* que explicam a mudança da dependência da publicidade para engrandecer as assinaturas digitais. Tendo em conta a *figura.1*. é descrito o decréscimo que publicidade teve e a aposta no modelo de assinaturas. Pelo contrário, a *figura.2* e a *figura.3* revelam os resultados práticos da tomada dessa decisão, pois mostram um aumento contínuo no número de assinaturas digitais, do lucro e das receitas. Este fenómeno deve-se ao desenvolvimento da tecnologia ao longo dos anos.

Ao longo do tempo, estão sempre aparecer inovações tecnológicas e este crescimento digital registado nos anos de 2023 e 2024, deve-se também às aplicações de inteligência artificial, tais como: algoritmos de recomendação personalizados e análise de dados do comportamento dos leitores, que permitem que ao *NYT* ofereça conteúdos mais relevantes e que haja um aumento do envolvimento com indivíduos que assinam.

Este facto, torna-se cada vez mais positivo para o jornalismo internacional, na medida em que está cada vez mais alcançar os melhores resultados.

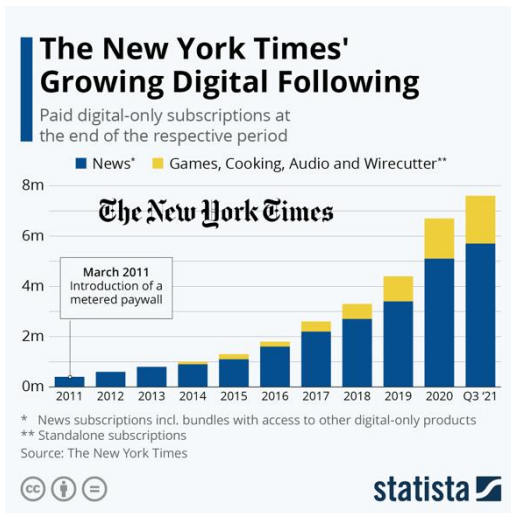


Figura 1- STATISTA. The New York Times' Growing Digital Following. 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/3755/digital-subscribers-of-the-new-york-times/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

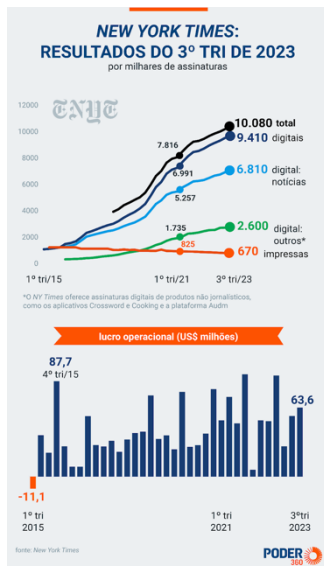


Figura 2 - PODER360. “NYT ultrapassa 10 milhões de assinantes e lucro sobe 46% no 3º tri”. Poder360, 8 nov. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/nyt-ultrapassa-10-milhoes-de-assinantes-e-lucro-sobe-46-no-3o-tri/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

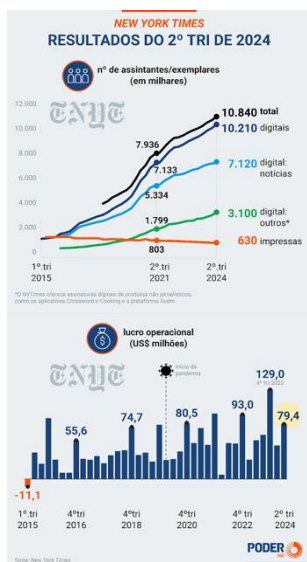


Figura 3 - PODER360. “NYT atinge 10,8 milhões de assinantes e lucro sobe 40% no 2º tri”. Poder360, 7 ago. 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/nyt-atinge-108-milhoes-de-assinantes-e-lucro-sobe-40-no-2o-tri/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

3.4 Desafios enfrentados pelo uso de IA no NYT

No final de 2023, Zach Seward tornou-se no primeiro Diretor Editorial de Iniciativas de IA, setor este que a empresa jornalística enfrentou alguns desafios para implementá-la. Porém, mais tarde, conseguiu enfrentar e ultrapassar a situação tal como mostram os resultados descritos anteriormente.

Assente numa entrevista dada ao Newsroom Robots, o diretor foi obrigado a conversar com os jornalistas da redação para explicar-lhes o que era a IA, ou seja, onde e como é que poderia fazer parte da atividade profissional de cada um deles. Um outro desafio enfrentado foi a inclusão de inteligência artificial no The New York Times, de forma a que o jornal continuasse a ter qualidade e a seguir os princípios do jornalismo. A ideia era utilizar IA para analisar volumes grandes de dados, como por exemplo, 500 horas de áudio; tornar as tarefas automáticas, mas sem tirar o papel do jornalista. O jornal investigou ainda novas maneiras de interagir com os leitores. Embora o NYT tenha passado por obstáculos no começo, a IA inserida neste jornal permitiu que o trabalho na redação passasse a ser muito mais eficiente e que todos os conteúdos fossem personalizados. Neste sentido, a integração da IA tornou mais forte o jornalismo. (NEWSROOM ROBOTS, 2025). Para além disso, com o artigo da *New Yorker* “*Will A.I. Save the News?*”, é salientada a ideia de que a inteligência artificial está a potencializar a

forma de como é que as notícias são produzidas e consumidas. (ROTHMAN Joshua, 2025)

Realizando o balanço de todos os dados presentes, verificou-se que os resultados da IA no jornal internacional tem sido um benefício não só para quem escreve, como também para os leitores.

Embora a empresa tenha sofrido alguns problemas no início, tal como referido anteriormente, hoje a IA veio reforçar e potencializar o trabalho editorial e em simultâneo, contribuir para que houvesse um crescimento na área do digital no jornal.

Conclusão

O aparecimento da inteligência artificial tem alterado a forma de trabalho diária dos jornalistas, uma vez que não só o trabalho passou a ser produzido e apresentado de forma mais rápida, como também a difusão das diferentes informações diárias sofreu alterações, na medida em que começou a existir uma maior proximidade entre o jornalismo e os seus leitores. A partir deste estudo, foi possível verificar que a aplicação da IA no jornalismo foi algo que contribuiu para a mudança na atividade jornalística.

No entanto, não é só de oportunidades que é feita a inteligência artificial para este setor. Ao longo deste projeto foram identificadas algumas ameaças e riscos presentes no dia-a-dia do jornalismo, é o caso da discriminação algorítmica, da desinformação, dos desafios à privacidade e da veracidade jornalística associada às *fake news*. A partir destes exemplos, confirma-se que a presença da ética na área do jornalismo é muito relevante, porque obriga a que os jornalistas tenham conhecimentos na tecnologia e ao mesmo tempo, consigam ser capazes de realizar pensamentos críticos. Importa ainda sublinhar que, as bolhas de informação podem alterar a forma de como é vista a realidade, devido à criação de grupos de indivíduos que tendem a ficar com pensamentos distorcidos. Sendo assim, é necessário que o jornalismo coloque muitas vezes em prática duas das suas principais regras que são: o rigor e a imparcialidade.

A propósito do caso de estudo do *New York Times*, constatou-se que a Inteligência artificial foi implementada no jornal de forma cuidada, com o objetivo desta inovação tecnológica ser usada para auxiliar os jornalistas no trabalho diário. Isto, permitiu que as sinopses fossem automatizadas, houvesse sistemas de recomendação e ferramentas de análise de dados. Estes foram alguns dos exemplos referidos neste estudo que revelam que o trabalho na redação do *NYT* passou a ser mais facilitado. Assim sendo, o caso de estudo escolhido evidenciou que é possível conjugar o jornalismo tradicional com as novas tecnologias, de forma a que o jornalismo continuasse a conservar os seus princípios.

Em suma, este projeto assume que apesar de existirem riscos que têm de ser geridos, as vantagens acabam por ir muito mais além disso, a partir do momento em que há um uso tecnológico vindo dos jornalistas de forma ética, crítica e equilibrada. Na verdade, este não é o fim do jornalismo, mas sim a mudança, que quando realizada com atenção e

compromisso poderá acabar por ser o segredo mais valioso para a oportunidade de crescimento, inovação e renovação da confiança do público na informação.

Contudo, o futuro do jornalismo estará ligado ao ser humano e à tecnologia, pois tal como se confirmou a combinação entre o humano e a tecnologia é a chave d'Ouro para a existência de um jornalismo internacional mais resiliente e ético.

Bibliografia

- Benthall, S. (2017). Don't fear the reaper: Refuting Bostrom's superintelligence argument. *arXiv*. <https://arxiv.org/abs/1709.07880>
- Bostrom, N. (2014). *Superintelligence: Paths, dangers, strategies*. Oxford University Press.
- Carlson, M. (2015). The robotic reporter: Automated journalism and the redefinition of labor, compositional forms, and journalistic authority. *Digital Journalism*, 3(3), 416–431.
- Crawford, K. (2021). *Atlas of AI*. Yale University Press.
- Essenfelder, R. (2024). Boas notícias, más opiniões: A cobertura de imprensa sobre o ChatGPT em Portugal. *Comunicação & Inovação*, 25, e20249691.
- Exame. (2017, novembro). Stephen Hawking faz alerta sobre inteligência artificial. *Exame*. <https://exame.com/tecnologia/stephen-hawking-faz-alerta-sobre-inteligencia-artificial/>
- Floridi, L., Cowls, J., Beltrametti, M., Chatila, R., Chazerand, P., Dignum, V., Luetge, C., Madelin, R., Pagallo, U., Rossi, F., & Vayena, E. (2018). AI4People—An ethical framework for a good AI society: Opportunities, risks, principles, and recommendations. *Minds and Machines*, 28(4), 689–707.
- Jaakkola, M. (Ed.). (2023). *Reporting on artificial intelligence: A handbook for journalism educators*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
- Leahy, C. (2024, janeiro 19). To stop AI killing us all, first regulate deepfakes. *TIME*.
- Negroponte, N. (1995). *Being digital*. New York, NY: Alfred A. Knopf.

- Nilsson, N. J. (1998). *Artificial intelligence: A new synthesis*. Morgan Kaufmann Publishers.
- Pariser, E. (2011). *The filter bubble: What the internet is hiding from you*. Penguin.
- Parlamento Europeu. (2020). O que é a inteligência artificial e como funciona. <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20200827STO85804/o-que-e-a-inteligencia-artificial-e-como-funciona>
- Parlamento Europeu. (2020, 18 de setembro). Inteligência artificial: Oportunidades e desafios. https://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2020/9/story/20200918STO87404/20200918STO87404_pt.pdf
- Pew Research Center. (2018, novembro 16). Public attitudes toward computer algorithms. <https://www.pewresearch.org/internet/2018/11/16/public-attitudes-toward-computer-algorithms/>
- Redress Compliance. (2025, 24 de fevereiro). AI case study: Content generation at The New York Times. *Redress Compliance*. Acesso em: 18/06/2025
- Russell, S. J., & Norvig, P. (2020). *Artificial intelligence: A modern approach* (4th ed.). Pearson.
- Rothman, J. (2025, abril 8). Will A.I. save the news? *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/culture/open-questions/will-ai-save-the-news>
- Saygın, A. P., Çiçekli, I., & Akman, V. (2000). Turing test: 50 years later. *Minds and Machines*, 10(3), 463–518.
- Searle, J. R. (1980). Minds, brains, and programs. *Behavioral and Brain Sciences*, 3(3), 417–457.
- Seward, Z. (2025, maio 29). How a five-person AI team is powering innovation at The New York Times: In conversation with Zach Seward. *Newsroom Robots*. <https://www.newsroomrobots.com/p/how-a-five-person-ai-team-is-powering>

Tani, M. (2025, 16 de fevereiro). *New York Times goes all-in on internal AI tools*. *Semafor*. <https://www.semafor.com/article/02/16/2025/new-york-times-goes-all-in-on-internal-ai-tools>

Tecnoblog. (2024, outubro). História da inteligência artificial: Quem criou e como surgiu a tecnologia revolucionária. *Tecnoblog*. <https://tecnoblog.net/responde/historia-da-inteligencia-artificial-quem-criou-e-como-surgiu-a-tecnologia-revolucionaria/>

The New York Times Company. (n.d.). *History*. <https://www.nytc.com/company/history/>

THOMPSON, Alex. *New York Times goes all in on internal AI tools*. *Semafor*, 16 fev. 2025. Disponível em: <https://www.semafor.com/article/02/16/2025/new-york-times-goes-all-in-on-internal-ai-tools>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Wang, P. (2019). On defining artificial intelligence. *Journal of Artificial General Intelligence*, 10(2), 1–37.

Wikipédia. (2025). Inteligência artificial. *Wikipédia*. Recuperado em 10 de junho de 2025, de https://pt.wikipedia.org/wiki/Intelig%C3%Aancia_artificial

